

JECA TATU E JUCA MULATO: DUAS FACES DA MISTIÇAGEM BRASILEIRA

Uryel Gabrielle Miranda¹

Marcelo Brum Lemos²

RESUMO

A população brasileira apresenta como uma de suas principais características a miscigenação decorrente da convergência de distintas raças e etnias, aspecto amplamente retratado e explorado na literatura nacional desde a publicação daquele que viria a ser conhecido como o primeiro texto literário do Brasil. Porém, o produto resultante desse encontro, ou seja, o surgimento de um novo contingente humano de origem mestiça, não foi bem-visto por indivíduos pertencentes à sociedade letrada do século XX, período correspondente ao Pré-Modernismo brasileiro e a períodos anteriores. Influenciados por um pensamento de cunho positivo-cientificista recorrente naquela época, apresentaram o mestiço como pertencente a uma sub-raça, por não trazer em si a completude das características observadas em indivíduos pertencentes às matrizes étnico-raciais que lhe deram origem. Jeca Tatu e Juca Mulato, nesse contexto, são apresentados como dois expoentes de uma literatura marcada pela influência de correntes deterministas no que se refere à mestiçagem e as suas implicações.

Palavras-chave: Determinismo Racial; Literatura brasileira; Mestiçagem; Pré-Modernismo.

¹ Aluna do curso de Letras Português/Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: uryel3@outlook.com

² Orientador da Pesquisa. Especialista em Música Eletroacústica (UNESPAR). Especialista em Fundamentos do Ensino da Arte (UNESPAR). Graduado em Letras Português (UFPR). Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFPR). Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: marcelo.lemos@fae.edu

INTRODUÇÃO

Considerando-se que a população brasileira apresenta como uma de suas principais características a miscigenação decorrente do encontro de distintas raças e etnias – característica que a distingue, portanto, de outros povos – objetiva-se, por meio deste trabalho de pesquisa, traçar uma análise, com base nas personagens “Juca Mulato”, de Menotti del Picchia, e “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato, acerca da visão que os autores pré-modernistas detinham em relação à mestiçagem, mais precisamente no que tange às figuras do mulato (branco + negro) e do caboclo (branco + índio). Em um primeiro momento serão apresentadas informações acerca do processo de formação do povo brasileiro fundamentadas em estudos e concepções delineados pelo sociólogo e antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro como, também, pelo sociólogo e ensaísta Gilberto Freyre. Posteriormente, a mestiçagem será abordada com base em análises das obras literárias acima referidas. A partir do estudo e aprofundamento do objeto de análise delineado, será possível compreender a representatividade dessa parcela mestiça da população na literatura brasileira pré-modernista.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 INTERVENÇÃO IBÉRICA NO CONTINENTE AMERICANO

O processo civilizatório expansionista, transcorrido ao longo do século XVI, somente tomou forma e tamanha proporção com o advento da revolução tecnológica pela qual as nações ibéricas passaram. Apesar de inúmeras outras nações terem exercido algum tipo de poder umas sobre as outras, principalmente no âmbito da conquista territorial, foi com a expansão ibérica que a primeira civilização universal foi criada.

Os povos iberos lograram uma expansão pelos mares marcada por guerras que iam ao encontro de seus objetivos de conquista territorial, exploração, saqueio e evangelização de povos de diversos locais do mundo e pertencentes às mais distintas culturas e etnias. Pode-se afirmar, nesse contexto, que constituíram Estados-nações de caráter germinal. Segundo Ribeiro (2015, p. 52), esses povos “desembarcavam sempre desabusados, acesos e atentos aos mundos novos, querendo fluí-los, recriá-los, convertê-los e mesclar-se racialmente com eles”, o que culminou no surgimento de novos gêneros humanos.

A heterogeneidade constituía uma das principais características dos povos colonizadores; no entanto, ao longo dos séculos foi reconfigurada, ocasionando uma luta

incomplacente travada contra todos aqueles que pertenciam a outras culturas e etnias e que resistiam ao elemento novo. Como resultado da expansão europeia nas Américas, Ribeiro (2016, p. 23) aponta e classifica o surgimento de determinadas formações histórico-culturais, dentre elas uma na qual o povo brasileiro se insere, Povos-Novos, constituída por populações distintas entre si, porém homogêneas o bastante no que se refere às suas características em decorrência de certos processos sociais uniformizadores.

1.2 A MISTIÇAGEM NO BRASIL

O fenômeno da miscigenação de raças é largamente retratado e, conseqüentemente, perpetuado por meio de manifestações artísticas no âmbito das artes. Segundo Gilberto Freyre (2006, p. 49), muitos detalhes acerca de como era a vida íntima e os costumes da antiga família patriarcal brasileira, por exemplo, podem ser encontrados nas páginas de romances brasileiros escritos por grandes mestres.

O surgimento do povo brasileiro resultou da união entre o português e aqueles que se viram por ele dominados e escravizados: povos pertencentes a diversos grupos étnicos indígenas e negros africanos. Entretanto, a criação do Brasil e a conseqüente formação do povo brasileiro só foram possíveis em decorrência da prática de uma instituição social indígena da qual os europeus souberam tirar proveito durante os momentos iniciais da colonização: o *cunhadismo*. Esse termo designa uma antiga e recorrente prática indígena de incorporar gentes estranhas ao seu meio e convívio. O europeu passava a integrar o grupo étnico ao tomar como esposa uma mulher indígena, o que resultava no estabelecimento de laços que, de certa forma, o aparentavam com os demais integrantes da tribo.

Esse contato entre dois povos tão distintos etnicamente, um selvagem e outro civilizado, como pôde-se observar ao longo do tempo, fez-se fatal. Detinham, cada um a seu turno, visões opostas acerca do mundo e de todas as questões que compreendiam a existência. Nesse sentido, os primeiros foram vencidos em decorrência do modo de organização do europeu, uso de tecnologias e porte de armas. À redução do contingente indígena observada no território brasileiro, como conseqüência da não-subordinação ao que vinha sendo instituído pelos europeus, segue a inserção de nova prole mestiça, em amplo desdobramento, constituída por negros e mulatos³, o que viria a culminar no surgimento da “área cultural crioula, centrada na casa-grande e na senzala.

Em decorrência do desaparecimento da figura do índio nas regiões em que se demandava cada vez mais mão de obra para a realização das atividades de caráter

³ 1 (Pessoa) mestiça de branco e negro 2 (pessoa) que tem a cor da pele escura (HOUAISS, 2010, p. 535).

mercantil, o negro viria a desempenhar um papel decisivo no que tange à formação da sociedade local. Como salientado por Ribeiro (2015, p. 88), “seria, por excelência, o agente da europeização que difundiria a língua do colonizador e que ensinaria aos escravos recém-chegados as técnicas de trabalho, as normas e valores próprios da subcultura a que se via incorporado”.

1.3 A MISCIGENAÇÃO E OS IDEAIS DE BRANQUEAMENTO POSITIVO-CIENTIFICISTAS

No período que compreende as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX, como afirma Schneider (2011, p. 164), tanto a Monarquia quanto a prática escravagista passam a ser contestadas por indivíduos pertencentes às classes mais abastadas. A sociedade brasileira vivencia a abolição da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889.

Em meio a esse contexto histórico, ocorre uma modernização a nível material e ideológico. Torna-se perceptível a busca por “inspiração nos valores e modos de vida da Europa da época” (SCHNEIDER, 2011, p. 164), empreendida por uma parcela da população correspondente às classes mais abastadas. Tal busca tem uma relação direta com a implementação de políticas as quais visavam a atrair imigrantes europeus para o território brasileiro.

Algumas das dúvidas que acometiam intelectuais da época, influenciados por ideais cientificistas, dos quais se originou a corrente positivista⁴, estavam relacionadas às críticas traçadas ao passado da nação no tocante à qualidade do povo que a compunha, devido a sua origem mestiça. Questões pertinentes à “raça” foram largamente debatidas, principalmente pelo fato de que esta deixou de ser definida a partir de aspectos culturais, linguísticos, religiosos etc., para ser considerada como o resultado de processos biológicos e morfológicos, os quais encontravam respaldo na ciência. O povo europeu, crente na superioridade da raça branca buscava efetuar o que poderia ser considerada uma atualização de caráter histórico da sociedade brasileira de modo a ocidentalizá-la. No tocante à última asserção, podem ser assinaladas as políticas de branqueamento da população brasileira do fim do século XIX, que apregoavam serem todas as demais raças, que não a europeia, inferiores.

⁴ Movimentos que remetem ao Positivismo: corrente filosófica estabelecida pelo francês Augusto Comte (1798-1857) no início do século XIX, e que suscitava o culto à ciência, único meio pelo qual se poderia explicar fenômenos físicos, sociais e éticos por meio do verdadeiro conhecimento alcançado. O pensamento positivista, em decorrência do teor científico apresentado e de sua previsibilidade, influi sobre o plano étnico de maneira a estabelecer critério de “subordinação do indivíduo ao progresso da espécie e ao interesse da sociedade” (D’ONOFRIO, 2007, p. 378).

Com a extenuação da escravidão, o país testemunhou um aumento exponencial de imigrantes europeus que aqui desembarcavam de modo a se estabelecer em alguma região e contribuir para o processo de industrialização e urbanização, suprimindo a falta de mão de obra. Em meio a isso, estudiosos viam diante de si o que criam ser uma oportunidade de empreender o “branqueamento” étnico e cultural da população, cujo resultado, assim supunham, poderia caracterizar, como salienta Schneider (2011, p. 166), um considerável avanço.

A união entre raças cumpriu com um papel fundamental na constituição do Brasil; porém, dificilmente o país viria a ser uma nação de mulatos, visto que, para Romero (apud SCHNEIDER, 2011, p. 173), “a forma branca prevalece e prevalecerá”. Brancos, mulatos e demais matizes étnico-culturais são o que viriam a constituir uma nova etnia, um novo povo, talvez um brasileiro embranquecido, porém inevitavelmente mestiço.

2. A MESTIÇAGEM NA LITERATURA BRASILEIRA

Em termos de literatura, mais precisamente as produções pertencentes à crônica histórica, são os textos de informação que podem ser creditados pela precisão e minúcia com que o “achamento” do Brasil é retratado; não obstante autores renomados também tenham encontrado em demais gêneros literários um caminho para discorrer sobre os povos formadores da nação, seus hábitos, costumes e tradições, além de revelar, por meio dos textos, um posicionamento crítico em relação à mestiçagem. Nesse contexto, podem ser citadas as obras “Urupês”, de Monteiro Lobato, e “Juca Mulato”, de Menotti del Picchia, as quais trazem figuras emblemáticas do sertão brasileiro, mestiças em sua constituição e, portanto, objetos de estudo e análise neste trabalho de pesquisa.

2.1 “PARASITISMO” ATRIBUÍDO AO CABOCLO DA TERRA EM “VELHA PRAGA” E “URUPÊS”, DE MONTEIRO LOBATO

No ano de 1914, o paulista José Bento Monteiro Lobato publicou no *Estado de S. Paulo* dois artigos que se fariam notáveis em meio à comunidade literata da época, tornando-o conhecido, dentre outras coisas, como um dos expoentes de uma literatura de caráter regionalista. São estes artigos “Velha Praga” e “Urupês”.

Lobato apresentava um olhar crítico para questões ambientais, principalmente em relação às queimadas e ao desmatamento. Com base nisso é que redigiu o texto “Velha Praga”, uma espécie de protesto publicado em 12 de novembro de 1914 no

jornal *O Estado de S. Paulo*, na seção “Queixas e reclamações”, cujo objetivo era o de alertar sobre aquela que, segundo ele, constituía uma das causas principais por trás do empobrecimento do solo (LOBATO, 2009, p. 11).

A partir da repercussão gerada com a publicação desse artigo, o autor passa a se concentrar naquele que viria a se tornar a sua personagem-símbolo, figura principal nos seus contos: o caipira proveniente da região do Vale do Paraíba, o “mata-pau” ou “parasita” da terra; “preguiçoso, desprovido de força de vontade e senso estético, sacerdote da lei do menor esforço, o “bichinho feio, magruço, arisco, desconfiado, [que] não tinha jeito de gente” (LOBATO, 2009, p. 11), representado em demais textos pela figura emblemática do “Jeca Tatu”⁵.

Segundo o autor (2009, p. 159), naquele período, as pessoas voltavam toda a sua atenção para determinados acontecimentos noticiados pela imprensa, como a Primeira Guerra Mundial, desencadeada na Europa; porém, deixavam de voltar os olhos para os “males caseiros”, no sentido de que determinadas regiões do Brasil ardiam em chamas. Ao autor, cuja voz representava essas regiões sertanistas, cabia, portanto, alertar a todos sobre tal ocorrência.

As queimadas originavam-se a partir de ações praticadas por “um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro [...]” (LOBATO, 2009, p. 160). Trata-se do “CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças” (LOBATO, 2009, p. 161). O caboclo retratado pelo autor é incapaz de se adaptar ao estilo de vida urbano. Foge ao progresso sempre que percebe a aproximação deste, a qual se afigura a ele por meio da construção de uma via férrea, pela chegada do estrangeiro, dentre outros aspectos que denotam o desenvolvimento da sociedade na qual se encontra parcialmente inserido. O processo de “fuga” de um lugar a outro revela algo que caracteriza o mestiço em questão, ou seja, a não ligação com a terra. Assim como um outro parasita com que ele é comparado, o *Sarcoptes mutans*, apenas se agrega à terra “pelo tempo necessário à completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou” (LOBATO, 2009, p. 161), e nessas idas sempre para um novo local, arrasta consigo a mulher e toda a prole, mestiça como ele, e a quem cabe prosseguir com a façanha de esterilizar a terra, algo principiado pelos seus predecessores. Levantada a choça, pode-se considerar decretada a morte de toda a paragem que a rodeia, mas a destruição da área não ocorre de uma só vez.

O termo “urupê de pau-podre”, o qual constitui uma metáfora que Lobato usa para definir esse homem da terra, refere-se a “certo tipo de cogumelo que decompõe

⁵ A criação de “Jeca Tatu” foi inspirada, dentre outras coisas, pela vivência de Lobato em meio ao ambiente das fazendas de sua família, das quais, mais tarde, tornou-se herdeiro, na cidade de Taubaté, em São Paulo.

madeira e causa doença em árvores (HOUAISS, 2010, p. 786)”; o seu aparecimento sobre a superfície de uma árvore denota a situação em que esta se encontra, já comprometida pelas incursões do parasita. Em relação a isso, com base nas descrições das ações praticadas pelo caboclo e elucidadas pelo autor, pode-se traçar um paralelo no sentido de que assim como um urupê, aquele homem da terra compromete todo o seu entorno ao extrair tudo quanto pode da natureza e, então, valer-se das queimadas como última alternativa encontrada para garantir sua sobrevivência

Em relação ao artigo intitulado “Urupês” – também publicado no *Estado de S. Paulo*, em dezembro de 1914 – as características desse homem da terra são reforçadas; apresenta ares grotescos, chegando a parecer mais com um bicho do que com gente, em decorrência do estilo de vida que leva e hábitos que cultiva. Retratando-o dessa maneira, Lobato vai na contramão da influência romântica ainda observada na literatura de sua época; desfaz-se a imagem idealizada do caboclo.

Lobato inicia o artigo afirmando ter-se desfeito, no curso do tempo, a tendência indianista, em literatura, da qual José de Alencar foi idealizador; entretanto, o indianismo não morreu; e sim evoluiu. Passava, então, a se manifestar sob outro nome: o “caboclismo”. Com isso, desfaz-se também a ideia romântica de que o índio é o bom-selvagem⁶, aquele indivíduo que não foi corrompido pela sociedade.

Produto da mestiçagem de raças transcorrida no país, o caipira emerge incomparável a qualquer outro representante mestiço que o antecedeu; “existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso (LOBATO, 2009, p. 169). Essa raça cabocla é considerada feia e sorna – indolente – completamente alheia aos acontecimentos políticos de seu país, até mesmo em relação aos mais memoráveis; seguidora incontestável da lei do menor esforço, detentora de um estilo de vida rústico, simplório e descuidado; possuidora de todo um repertório de credices.

Essas obras revelam um Brasil em crise, marcado pela instabilidade no cenário político, guerras territoriais, participação do país na Primeira Guerra Mundial, dentre outros acontecimentos históricos; como, também, pela influência de correntes filosóficas de cunho positivista, darwinista, evolucionista, determinista etc. importadas da Europa.

Em relação ao âmbito literário, mais especificamente no plano do conteúdo, podem ser classificadas como pré-modernistas; entretanto, afiguram-se realistas, ou

⁶ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo suíço, escreveu, dentre outras obras, o “Discurso sobre a origem da desigualdade”, composto no ano de 1753. Com essa obra, visava a responder qual a origem da desigualdade entre os homens e se ela era autorizada pela lei natural. O filósofo “defende a idéia (sic) da volta à natureza, a excelência natural do homem, a necessidade do contrato social para garantir os direitos da coletividade” (ROUSSEAU, 2001, p. 7). Nesse contexto, a partir das observações traçadas por ele, emerge o “mito do bom-selvagem”, o qual influenciou a literatura oriunda da primeira fase do Romantismo no Brasil.

seja, àquele subjetivismo romântico apregoado no século anterior, sobrepuja-se uma ênfase sobre aspectos externos ao indivíduo e a como o meio pode influenciar na construção de seu caráter e no seu desenvolvimento em meio à sociedade.

No plano ideológico, relacionado a como o real é explicado, essa atitude é influenciada pelo Determinismo⁷, o qual passa a ditar o destino do indivíduo com base em alguns fatores decorrentes dos avanços transcorridos no âmbito científico e tecnológico do período pós-Revolução Industrial.

Na literatura, portanto, personagens e enredos são submetidos “ao destino cego das “leis naturais” que a ciência da época julgava ter codificado” (BOSI, 2015, p. 178). As leis naturais referidas estão atreladas às teorias sociais estabelecidas pelo naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882) e originaram a corrente denominada Darwinismo Social⁸, fundamentada sobre o Determinismo Racial. Nessas teorias, considerava-se que as raças eram imutáveis e, portanto, inaptas a qualquer tipo de “aperfeiçoamento” e evolução.

Cruz (2004, p. 74) ainda salienta a visão de Herbert Spencer (1820-1903) acerca da superioridade ou inferioridade de determinadas raças no tocante à luta pela sobrevivência. Com base nesse pensamento, “povos ou raças “inferiores” tenderiam a produzir sociedades cujo destino seria a decadência e o fim” (CRUZ, 2004, p. 74). Desse modo, não se podia prever qualquer tipo de transformação operada naquele homem mestiço.

A publicação de “Velha Praga” e, posteriormente, de “Urupês”, também gerou repercussões negativas; porém o autor revisou-as. Segundo Beatriz Resende (apud GALERA, 2017), professora da UFRJ, Lobato, após ter publicado o seu livro de contos voltado para a temática regionalista, travou contato com Lima Barreto, o qual, inspirado pela leitura da obra, redigiu um artigo intitulado “Problema Vital”, em que, com base em estudos científicos sobre as doenças sociais do povo brasileiro, inocentava, de certa forma, o caboclo.

⁷ Movimento de caráter ideológico, estabelecido pelo historiador e crítico literário francês Hipólito Adolfo Taine (1828-1893), o qual se sustenta na tese de que “raça, meio e momento [histórico]” (D’ONOFRIO, 2007, 379) constituem fatores condicionantes do comportamento humano. Segundo D’Onofrio (2007, p. 379), trata-se de uma “concepção mecanicista do universo, que nega o livre arbítrio”. Considera-se que o Determinismo logrou sucesso somente em meio ao contexto positivista predominante ao longo da segunda metade do século XIX.

⁸ O Darwinismo Social é uma corrente fundada por Herbert Spencer – filósofo, biólogo e antropólogo inglês, considerado um dos maiores representantes do Positivismo na Inglaterra e fundador da teoria do Darwinismo Social, a qual tem sua origem no Evolucionismo, amplamente difundido pelo naturalista inglês Charles Darwin, autor da teoria da evolução das espécies.

2.2 MARCAS DO DETERMINISMO RACIAL EM “JUCA MULATO”, DE MENOTTI DEL PICCHIA

Publicado em 1917, o poema sertanista “Juca Mulato”, escrito pelo paulista Paulo Menotti Del Picchia, aborda uma temática sobre a qual influem aspectos ainda vinculados ao Romantismo do século anterior como, também, ao Pré-Modernismo, dada a época em que foi escrito e os ideais suscitados naquele período. A figura do homem do campo, “caboclo do mato”, atrelada à natureza e às atividades da terra que a ela cabia realizar, torna-se o cerne do poema, algo que, por sua vez, atende ao que foi preconizado pelas duas escolas em questão. Outra temática presente é a do amor inalcançável, em decorrência de divergências sociais e raciais.

Segundo a crítica, esse poema, de alto teor nacionalista, é “o poema do mestiço brasileiro”. Nele, canta-se a terra materna, fonte de inspiração poética; revelam-se verdadeiros aspectos da arte brasileira, retratada por meio da forma pela qual um recorte da nação, sua natureza, é exposto.

Pode-se traçar um paralelo em relação à descrição do sertanejo apresentada por Euclides da Cunha na obra “Os Sertões”. Nesse sentido, Dantas afirma ser Juca Mulato um caboclo, de uma força que não se pode medir, assim como a peroba; uma “espécie de Hércules do mato” (PICCHIA, 2001, p. 14, grifo nosso). Em relação ao último aspecto descrito, encontra-se em “Os Sertões” uma duplicidade de sentido, visto que lá o sertanejo é descrito como um forte; porém, semelhante a um “Hércules-quasímodo” (CUNHA, 2016, p. 141), dada a postura fadigada, a falta de graça, o aspecto desengonçado que apresenta.

Para Dantas, faz-se notável a força da personagem – diversas vezes salientada – percebida, por exemplo, no modo pelo qual desempenha as atividades que lhe cabem. Em meio à natureza e em contato com todas as criaturas, “Resplandece-lhe nos olhos a alma sagrada das florestas”; afigura-se como um “titã negro e pacífico” (PICCHIA, 2001, p. 14, grifo nosso). Cunha (2016, p. 142) já havia atribuído o termo titã a esse homem da terra, sertanista, no tocante à transformação que nele se opera mediante alguma adversidade, a qual faz com que abandone a postura fraca e fadigada, e mostre-se como detentor de força e agilidade inigualáveis.

No plano do conteúdo, no que se refere ao enfoque sobre a temática da mestiçagem na obra de Menotti Del Picchia, percebe-se que apesar de toda a influência romântica que permeia o texto e que recai, principalmente, sobre a figura do mulato, há preconceito e segregação tanto racial quanto cultural envolvidos. Juca Mulato parece ser o resultado da convergência das etnias branca, negra-africana e indígena,

visto que é referido como mulato e caboclo a um só tempo. O motivo de todo o seu sofrimento está no amor não correspondido por parte da filha da patroa, possuidora de um “límpido olhar” e comparada a uma estrela, caracterizações que tornam claro ao leitor do texto o fato de ela ser branca.

Observa-se, também, nas últimas estrofes que compõem o poema, o pensamento da personagem acerca de o destino não fazer distinção em relação a quem deve ou não encontrar o amor; mas que, no caso do mulato, este deveria buscá-lo em uma mulher cuja alma fosse igual a sua, simples e mestiça, alguém que não o olhasse com exasperação, mas com receptividade.

Consolou-se depois: “O Senhor jamais erra...
Vai! Esquece a emoção que na alma tumultua.
Juca Mulato volta outra vez para a terra,
procura o teu amor numa alma irmã da tua.

Esquece calmo e forte. O destino que impera
um recíproco amor às almas todas deu.
Em vez de desejar o olhar que te exaspera,
procura esse outro olhar que te espreita e te espera,
que há, por certo, um olhar que espera pelo teu...” (PICCHIA, 1982, p. 85)

Não obstante romântico, tal excerto denota o pensamento **Determinista** de que raças puras apresentam superioridade sobre as mestiças; o que remete à ideia de que transcorrida a fusão de raças, obtém-se como resultado um produto/indivíduo corrompido no sentido de este não vir a apresentar em sua inteireza a força do negro-africano ou a inteligência do branco europeu, por exemplo, aspecto que o torna alheio em meio às próprias matrizes que lhe deram origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mestiçagem, ou miscigenação de raças, configura-se como a principal característica do povo brasileiro. Essa temática, desde os tempos do “achamento” do Brasil, sempre constituiu objeto de estudo e crítica a sociólogos, antropólogos e literatos que a abordavam em seus textos de maneira ora crítica, ora poética, quando não das duas formas. Desde o início do século XVI até o período que corresponde ao Pré-Modernismo brasileiro, a figura do branco europeu em interação com povos colonizados, constituídos por negros e índios, foi amplamente explorada, revelando, de maneira bastante nítida, o modo como a mestiçagem era encarada por uma

parcela da população brasileira, de origem europeia, sendo retratada como motivo de orgulho por alguns, e vergonha por outros. A partir das pesquisas de caráter histórico e literário realizadas para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico, pode-se inferir que a mestiçagem de raças, aqui operada desde o início do processo de colonização empreendido pelos portugueses, além de se apresentar gravada nas entranhas do povo brasileiro, é o que lhe torna único e o que lhe possibilitou emergir como um novo *povo-nação*. As personagens Jeca Tatu e Juca Mulato – as quais representam dois dos principais produtos da miscigenação racial transcorrida no Brasil, o caboclo e o mulato – objetos de pesquisa e análise, norteadoras do desenvolvimento deste trabalho, constituem, nesse contexto, duas faces da mestiçagem brasileira por serem representantes desse processo aqui transcorrido e por denotarem o pensamento determinista da sociedade brasileira letrada do século XX e, até mesmo, dos períodos anteriores, visto que nas obras analisadas pode-se observar como as correntes de cunho positivo-cientificistas influenciaram a maneira pela qual os autores expunham o mestiço, deixando transparecer um pensamento *determinista* no sentido de que aquelas figuras são apresentadas, na maioria das vezes, como a “escória” da nação, como indivíduos destituídos de ampla força e capacidade intelectual, algo que reforça certo estereótipo ainda hoje atribuído a determinados conglomerados de origem mestiça.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CRUZ, N. dos R. **O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio**. 2004. 189 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2004_CRUZ_Natalia_dos_Reis-S.pdf> Acesso em: 06 maio 2018.

D'ONOFRIO, S. Realismo, naturalismo, parnasianismo. In: D'ONOFRIO, S. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. 2. ed. 5. imp. São Paulo: Ática, 2007. p. 45-67.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GALERA, V. As duas faces de Jeca Tatu, o anti-herói rural. **Globo Rural**, set. 2017. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2017/09/duas-faces-de-jeca-tatu-o-anti-heroi-rural.html>>. Acesso em: 06 maio 2018.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LOBATO, M. **Urupês**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

PICCHIA, M. del. **Juca Mulato**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

RIBEIRO, D. **Configurações histórico-culturais dos povos americanos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

_____. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem da desigualdade**. [E-book] Trad. Maria Lacerda de Moura. Ed. de Ridendo Castigat Mores. 2017. Disponível em: <<http://www.pgcult.ufma.br/wp-content/uploads/2017/06/Jean-Jacques-Rousseau.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2018.

SCHNEIDER, A. L. O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 42, p. 163-183, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/7982>>. Acesso em: 23 set. 2017.